

**A PARTICIPAÇÃO DOS TERENAS E GUAICURUS
NA RETIRADA DA LAGUNA
SOB A PERSPECTIVA LITERÁRIA DA OBRA DE TAUNAY**

Cesar Christian Ferreira dos Santos (UEMS)

cesarchristian2@gmail.com

Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira (UEMS)

garotagramatica@yahoo.com.br

RESUMO

O episódio histórico da Retirada da Laguna, que aconteceu no sul da então Província do Mato Grosso, é uma das páginas da história em que os povos guaicurus e terenas ajudaram a preencher com seu sangue heroico. Protagonistas na história da delimitação da fronteira sul do estado de Mato Grosso do Sul, foram esquecidos por muitos anos pelos historiadores. Utilizando-se de uma revisão bibliográfica baseada na obra de Taunay, o presente artigo tem por objetivo, relembrar às gerações presentes e futuras os feitos em armas e a contribuição dessas valorosas etnias para a própria formação do povo sul-mato-grossense.

Palavras-chave: Terenas. Guaicurus. Retirada de Laguna. Taunay.

1. Introdução

O sul da então Capitania do Mato Grosso começou a ser explorado pelos portugueses e espanhóis logo após a chegada destes nas Américas. O contato do europeu com os nativos foi um evento traumático, principalmente para os indígenas, que se viram obrigados de uma hora para outra a lutar por suas terras.

Sabe-se que a literatura é uma importante fonte de dados históricos, que ajuda a entender a história de uma determinada região e das pessoas que lá viviam. Ajuda a entender os valores, as virtudes, os erros e os acertos deste ou daquele povo estudado. Quando se fala em literatura e história escrita, na maioria das vezes, está sendo contado o lado do conquistador europeu. O caso da *Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay talvez seja mais neutro em relação a essas posições de vencedores e vencidos, tendo em vista que na ofensiva da Laguna, que posteriormente virou retirada, os indígenas da etnia terena e guaicurus atuavam como aliados das tropas brasileiras.

Este trabalho tem o objetivo de analisar a participação dos terenas e guaicurus na Retirada da Laguna sob um viés literário, para tal utiliza a

obra *A Retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay. Também tem o objetivo de exaltar os feitos dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul, que silenciosamente ajudaram (e continuam ajudando) a construir o progresso desses rincões desde a época do império, quando defenderam as fronteiras sulinas da Província do Mato Grosso. Há que se lembrar, mesmo não sendo objeto deste artigo que os terenas também ajudaram a lançar as linhas telegráficas com o Marechal Rondon, ajudaram a construir a ferrovia noroeste do Brasil, assim como fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira que lutou contra o nazismo nos campos italianos.

2. Breve histórico da Guerra da Tríplice Aliança no sul da província do Mato Grosso

A Guerra da Tríplice Aliança teve como estopim o aprisionamento de um vapor brasileiro, o marquês de Olinda, em 10 de novembro de 1864, sendo que os antecedentes do conflito não constituem objeto do presente artigo. A guerra estava declarada e no sul da Província do Mato Grosso deu-se por terra e por água. O coronel paraguaio Vicente Barrios foi o comandante da invasão por terra e o capitão de fragata Pedro Inácio Meza foi o comandante da invasão pelas águas fluviais.

Apesar do comando centralizado do coronel Barrios, haviam diversas colunas comandadas por outros oficiais, destacando-se as que invadiram a província por onde hoje encontram-se as cidades de Bela Vista (MS) e a Colônia Militar dos Dourados nas proximidades da cidade de Antônio João (MS), sendo que coube ao próprio Barrios marchar para a conquista do Forte Coimbra e da importante e estratégica cidade de Corumbá. O historiador Hildebrando Campestrini sobre os fatos em questão faz a seguinte citação:

O então ministro da guerra e marinha, coronel Venâncio Lopez, determinou a invasão (...) Cumprida a Barrios tomar o Forte Coimbra, Albuquerque e Corumbá e explorar as circunvizinhanças, com especial ênfase a fazenda Menino do Diabo, do barão de Vila Maria, a fim de apreender seu gado, que seria pastejado no morro da Marinha (perto de Coimbra) e depois transportado para o Paraguai; e ainda explorar o rio a fim de, mais tarde, efetuar a invasão até Cuiabá. (CAMPESTRINI, 2009, p 142)

O objetivo paraguaio em iniciar a guerra pela Província do Mato Grosso era o de não deixar sua retaguarda, ou seja, o norte paraguaio a mercê do inimigo, somente depois de consolidada a invasão no Mato Grosso é que Solano Lopez iniciaria a ofensiva pela Província de São

Pedro do Rio Grande. Um outro motivo que levou Lopez a invadir o sul do Mato Grosso foi as chamadas terras contestadas pelo Paraguai, as fronteiras não estavam devidamente demarcadas e havia na ocasião discordâncias fronteiriças que poderiam ter sido resolvidas diplomaticamente segundo a seguinte citação de Hildebrando Campestrini:

Embora Carlos Antônio Lopez, ao morrer, tivesse pedido a seu filho Solano que com o Brasil tratasse as questões sem o uso da espada, o novo presidente, de feição militarista e entusiasta das conquistas napoleônicas, pôs mãos à obra e preparou a guerra com o Império. (CAMPESTRINI, 2009, p 133)

A invasão paraguaia, foi coroada de êxito, pois os territórios fronteiriços estavam mal guarnecidos ou completamente desguarnecidos, mesmo com as ameaças que Lopez fez antes da declaração de guerra, como por exemplo, a patrulha executada pelo tenente Pereira em terras brasileiras. O Paraguai, ao contrário do Brasil, possuía à época um exército de cerca de setenta mil homens bem armados e bem treinados. O país vizinho tinha também uma extensa rede de espionagem em terras brasileiras e argentinas e as informações prestadas por esses espíões encorajaram Lopes à luta armada.

O Forte Coimbra era à época um baluarte que deveria defender a fronteira de eventuais invasões estrangeiras, seu comandante era o tenente coronel Hermenegildo Porto Carreiro, que juntamente com seus soldados defendeu o forte por três vezes, repelindo inicialmente os ataques paraguaios. O problema da tropa que defendia o Forte era a falta de munição, sendo assim, decidiu a oficialidade abandonar o Forte Coimbra e ir para Corumbá.

O comandante das armas, o tenente coronel Carlos Augusto de Oliveira, juntamente com outros oficiais superiores, entre eles Carlos Camisão, decidiram abandonar também a vila de Corumbá em 2 de janeiro de 1865, sobre o fato em questão Hildebrando Campestrini faz a seguinte anotação:

O grande aparato de Barrios causou apreensões ao comandante-das-armas, que não dispunha de força (fluvial e terrestre) capaz para enfrentar-lo com sucesso; assim, resolveu abandonar, sem qualquer resistência, a vila de Corumbá, rumando para o porto do Sará, rio acima, para alcançar Cuiabá. (CAMPESTRINI, 2009, p 148)

Ao chegarem em Cuiabá, capital da província, os militares que abandonaram seus postos foram recebidos com hostilidade e quanto ao comandante das armas foi submetido a conselho de guerra. “Este fato submeteu o tenente coronel Carlos Augusto de Oliveira a Conselho de

Guerra”. (CAMPESTRINI, 2009, p. 148)

Essa recepção mexeu com os bríos dos militares que se envergo-
nharam de suas atitudes, sendo que todos ficaram maculados com a pe-
cha de covardes e é para se redimir que o tenente coronel Carlos de Mo-
raes Camisão ajuda a organizar uma coluna que invadirá o norte para-
guaio em 1867. Sobre o modo como a retirada para Cuiabá incomodava
os militares brasileiros e neste caso em especial o comandante Camisão,
Visconde de Taunay em sua obra *A Retirada da Laguna* faz a seguinte cita-
ção:

la-lhe no peito amarga lembrança que não conseguia remover da mente.
Ao abandonar o coronel Oliveira, comandante das armas da província, a praça
de Corumbá, embora estranho às primeiras liberações motivadoras desta pre-
cipitada retirada, figurava neste triste episódio o coronel Camisão na qualida-
de de comandante do segundo batalhão de artilharia; e, por tal motivo, vira-se
acoimado de solidariedade com este ato de fraqueza. Contra ele servira-se a
malevolência destas vozes cruéis, circulando, em tal época, um soneto impres-
so, acerbo estigmatizador dos defensores de Mato Grosso. (TAUNAY, 2005,
p. 55)

Embora Carlos Camisão tenha passado para a história como o
chefe da expedição, o comando inicialmente não fora dele, parte da tropa
que iria invadir o território inimigo era oriunda da província de São Pau-
lo, onde por ordem do presidente provinciano, João Crispiniano Soares,
foi organizado o 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, que partiu da capi-
tal do Império em 1856 em direção ao Centro-Oeste.

A tropa seguiu de navio até o Porto de Santos, passando por Cam-
pinas com destino a Uberaba na província de Minas Gerais “e juntou-se à
brigada mineira de Ouro Preto, com 1212 homens comandados pelo co-
ronel José Antônio da Fonseca Galvão” (LIMA, 2016, p. 269). O efetivo
da tropa ia aumentando, sendo que seu destino inicial era ir até Coxim,
onde havia inimigos espalhados pelo território. Quando o comandante
percebeu o despreparo da tropa, face a um inimigo valoroso e já experi-
ente em combate, resolveu ir primeiramente a Cuiabá, onde juntou-se
com a tropa que havia fugido de Corumbá.

Reforçada em pessoal, a tropa então seguiu para Coxim, mas lá
não encontrou outro tipo de inimigo, o terreno e a natureza e na ocasião
ficaram lá estacionados e sendo impedidos de movimentarem-se em dire-
ção ao sul pelas frequentes inundações, conforme assinala Luiz Octávio
Lima: “[...] as tropas chegaram a Coxim em 20 de dezembro de 1865. Na
localidade, devido a chuvas intensas, a tropa empacou mais uma vez,
passando por mais seis meses de espera [...]” (LIMA, 2016, p. 269)

De Coxim seguiram para Miranda, mas com lentidão extrema. O comando da tropa estava com o coronel Galvão e o percurso de 396 quilômetros percorrido entre pântanos foi vencido em 17 de dezembro de 1866, após três meses de marcha. Ao chegar em Miranda, encontraram-na completamente destruída e saqueada pelos paraguaios. As doenças tropicais enfrentadas em Coxim, agravaram-se em Miranda “Àquela altura, a coluna já perdera mais de um terço de seu efetivo [...] Ali, em 113 dias de permanência, mais quatrocentos homens pereceram vitimados pelo beribéri [...] (LIMA, 2016, p. 271)

Muitos foram vitimados por doenças como varíola, cólera, tifo e o beribéri, sendo que entre as vítimas estava o comandante Galvão. Levando Carlos Camisão a assumir o comando da tropa em 1867. Apesar da situação da tropa, foi com entusiasmo que Camisão assumiu o comando, pois via na ocasião a maneira de livrar-se da pecha de covarde imposta aos que fugiram de Corumbá em 1864, sobre a situação e os sentimentos de Camisão, Taunay anota o seguinte: "Dentre os nomes nele apontados, lera o próprio... Subsistia a dor da afronta, profundamente magoado como se lhe achava o pundonor militar. Com verdadeira paixão aceitara o comando da expedição". (TAUNAY, 2005, p. 55)

O entusiasmo de Camisão pôs a tropa em marcha, indo em direção à Colônia Militar de Miranda³⁶, o deslocamento até a referida Colônia Militar foi sem maiores alterações. A tropa ficou estacionada até o dia 21 de abril de 1867, quando o Comandante Camisão, decidiu invadir o território paraguaio.

3. A invasão da Laguna e a retirada

Foi no momento em que Camisão decidiu empreender a ofensiva que os índios terenas e guaicurú-cadivéus decidiram-se juntar às tropas brasileiras e integrar o contingente ofensivamente, pois antes, em 1864 durante a invasão paraguaia os indígenas foram abandonados à própria sorte e sobreviveram ao buscar refúgio nos morros da Serra de Maracaju.

A invasão à Fazenda da Laguna deu-se em 1º de maio de 1867 e lá houve ferozes combates, mas as tropas brasileiras saíram vencedoras “as forças de Camisão foram recebidas por um batalhão de 780 homens e dois canhões. A posição caiu em cinco dias [...]” (LIMA, 2016, p. 274). Parafrazeando de Luiz Octávio Lima aquela seria uma vitória de

³⁶ Não se trata da Vila de Miranda, trata-se do topônimo de um lugar que se situava entre Nioaque e Bela Vista.

Pirro³⁷, onde inevitavelmente, por falta de gêneros alimentícios para a tropa, Camisão teve que ordenar a retirada que passaria a ser chamada celebradamente de: A Retirada da Laguna.

A retirada foi calamitosa, além da cavalaria paraguaia sempre inquietando a tropa, o terreno e o tempo também passaram a fustigar os soldados de Camisão. As chuvas constantes que encharcavam o terreno e aumentava o volume dos rios, dificultando o avanço da coluna. Não bastasse esses eventos naturais a tropa foi acometida pela cólera e durante a retirada e novamente o comandante teve que tomar drásticas medidas a respeito da doença que se abatia sobre a combalida tropa, sobre tal situação de Luiz Octávio Lima faz a seguinte anotação:

A certa altura, o coronel Camisão decidiu que os infectados, às dezenas, teriam de ser abandonados à própria sorte, pois já não havia como leva-los. Eles foram deixados em um bosque conhecido com Cambarecê (em guarani, negro que chora), com um pouco de água e protegidos apenas por cartazes pedindo compaixão para com os doentes. (LIMA, 2016, p. 275)

A difícil decisão de Camisão, logo mais aplicou-se a ele próprio, que também fora acometido pela cólera “No dia 29 faleceu, de manhã, Camisão; à tarde o tenente-coronel Juvêncio, enterrados à margem do Miranda. (CAMPESTRINI, 2009, p. 185). Da tropa da Campanha do Mato Grosso, que chegou a reunir um efetivo de três mil homens em 1865, só setecentos homens chegaram ao Porto Canuto, atual Anastácio-MS, em 11 de junho de 1867, sendo este o fim da ofensiva que acabou tornando-se a célebre Retirada da Laguna.

4. As citações de Taunay sobre participação dos guaicurus e dos terenas na Retirada da Laguna

Propositamente os guaicurus e terenas não foram citados anteriormente para que seus feitos fossem colocados em local de destaque neste trabalho. A obra a retirada da Laguna, de Taunay e os documentos gerados em Campanha pelos comandantes militares são as melhores fontes historiográficas da participação dos guaicurus e terenas na citada campanha.

Inicialmente inimigos dos portugueses à época da Colônia esses

³⁷ Referência à vitória do rei Pirro que derrotou o Império Romano em uma batalha, mas teve seu exército destruído e sem condições de prosseguir na guerra.

dois povos não guerreavam entre si, pois havia uma hierarquia estabelecida entre os dois povos, que dividiam ou se avizinhavam em territórios no sul da então Província do Mato Grosso, conforme anota Hildebrando Campestrini: “Dos guanás, tribo pacífica [...] com útil agricultura e tece-lagem, vassalos do guaicurus”. (CAMPESTRINI, 2009, p. 49)

Esses dois grandes povos unem-se aos brasileiros contra um inimigo comum: os paraguaios. Não se sabe porque os índios dessa região optaram por aliar-se aos portugueses e posteriormente aos brasileiros ao em vez de aliar-se aos espanhóis e posteriormente aos paraguaios, qualquer coisa que seja dita nesse sentido, por ora, seria mera especulação.

Os índios guaicurus, terenas e alguns populares haviam sido abandonados à própria sorte no episódio da invasão de Corumbá, em janeiro de 1865 e obrigaram-se a conviver juntos e a proteger-se mutuamente como assinala Hildebrando Campestrini: “Nos Morros fizeram plantações, colhendo o necessário para a subsistência. Bem escondidos, protegidos por soldados e índios que também se homiziaram neles, ali viverias os anos de 1865 e 1866”. (CAMPESTRINI, 2009, p. 159)

Quando a Força Expedicionária comandada por camisa chegou no final de 1866, os bravos guaicurus e terenas uniram-se a elas e fizeram todo o trajeto da Colônia Militar de Miranda até a fazenda da Laguna e posteriormente acompanhou toda a retirada. A incorporação da tropa é anotada por Taunay:

Recebeu logo o 17.º batalhão ordem de ir, além do ponto atingido pelo 21.º, realizar um reconhecimento, sob a direção do guia Lopes e em companhia de um grupo de índios terenas e guaicurus, que desde algum tempo se apresentara ao Coronel. (TAUNAY, 2005, p. 63)

Pode-se notar que a partir desse momento os guaicurus e terenas tomaram parte da referida coluna e passaram cumprir as missões mais ariscadas de reconhecimento em território inimigo, as chamadas “missões pontas de lança”. A partir da incorporação dos povos indígenas às tropas do império, Taunay por diversas vezes vai citando os feitos em batalhas dos referidos índios.

Pode-se abrir uma reflexão, de o quanto foram heroicas as atitudes em batalha dos guaicurus e terenas, pois para que um europeu do século XIX, vencesse os seus preconceitos de época e não ignorasse a participação deles nas batalhas da Retirada da Laguna é de se pensar que realmente eles protagonizaram episódios dignos dos mais valentes guerreiros da

história para que fossem considerados irmãos em armas de um povo à época preconceituoso, que achava a cultura indígena “inferior”.

As “missões pontas de lança”, são aquelas que entre as outras destacam-se pelo perigo iminente, sendo os reconhecimentos em território inimigo uma das mais arriscadas, pois é necessário nesse caso o conhecimento profundo do terreno e ainda sobre a tropa inimiga. Essas missões tinham como protagonistas os índios cavaleiros guaicurus, que tinham mobilidade maior do que a tropa brasileira que era basicamente constituída por algumas bocas de canhão e pela tropa a pé, a chamada infantaria. A importância dessas missões era tal, que determinavam as ordens do dia dos comandantes brasileiros, de forma que estes tomavam as decisões baseados nos relatos dos esclarecedores guaicurus e terenas. Sobre a importância das missões de reconhecimento em que tomaram parte os indígenas brasileiros, Taunay faz a seguinte anotação:

Havia os nossos índios guaicurus avançado até ali, anteriormente, num reconhecimento do tenente-coronel Enéias Galvão. Desta vez fizeram os selvagens, nossos aliados, alegre fogueira do tal mastro e da choupana. Avisaram neste momento ao Coronel que o nosso comboio se atolara à saída do Retiro. Decidiu imediatamente que, sem interromper a marcha, iríamos esperá-lo a alguma distância, à vanguarda. Foi o que fizemos assentando acampamento exatamente no local onde existira a fazenda de João Gabriel. (TAUNAY, 2005, p. 70)

Mas nem só missões de reconhecimento executavam os terenas e os guaicurus, tomavam parte efetivamente no combate como mostra a citação de Taunay:

Os auxiliares índios, guaicurus e terenas, não foram os últimos a se apresentar para o saque. Tão pequena disposição para o combate haviam mostrado que, na nossa carreira, ao lhes tomarmos a frente, lhes bradáramos: Vamos! Avante! Valentes camaradas! Agora se lhes transmutara a indolência num ardor sem limites para o saque. Já se haviam disseminado pelas roças de mandioca e de cana, de lá trazendo, imediatamente, cargas sob as quais vergavam, sem, contudo, encurtar o passo. (TAUNAY, 2005, p. 76)

Pode-se notar nesta citação, o preconceito de época que sofriam os indígenas, após uma refrega, cujo o resultado foi a conquista da Fazenda Machorra, Taunay assinala que os as tropas auxiliares indígenas apresentaram pouca disposição para o combate, mas muita disposição para o saque, que infelizmente acontecia com frequência nas guerras. É lógico e também citado por fontes históricas, que os indígenas não dispunham de armas de fogo, sendo que eles lutavam com suas armas, tecnologicamente muito inferiores às armas dos exércitos Paraguaio e Brasileiro, sendo assim é natural que forças iguais se chocassem primeiro, e que

os guaicurus e terenas engajassem-se posteriormente no combate.

Porém em outra passagem, que Taunay relata outra refrega, a referência já é diferente, e, o autor anota da seguinte maneira:

Iluminados por uma aurora magnífica percebíamos, aos nossos pés, os nossos soldados correndo pelo campo, para o local do combate; mais longe, os índios terenas e guaicurus, que depois de se haverem comportado nesta refrega como bravos auxiliares, carregavam agora aos ombros os despojos dos cavalos tomados aos paraguaios. (TAUNAY, 2005, p. 88)

Desta feita Taunay relata a bravura em combate dos indígenas, mesmo anotando-os como “auxiliares”. É sabido que a coluna, embora houvesse conquistado uma parte do território inimigo, lá não conseguiu manter-se pela falta de gêneros alimentícios e ainda por causa de moléstias diversas, comuns nas frentes de batalha. Sendo que entre estas moléstias, o cólera fez mais vítimas nas colunas brasileiras. A ofensiva torna-se retirada, soldados são abandonados e o comandante sucumbe em uma tarde de 29 de maio de 1867.

Diante da doença, do abandono dos doentes e da quase dizimação da coluna, os cavaleiros guaicurus e os terenas também deixaram as tropas, já em território brasileiro, sendo que o surto de cólera era a principal defesa da coluna brasileira contra a cavalaria paraguaia, que os tangia de volta ao Brasil. Sobre a separação dos indígenas das tropas do império, Taunay assinala o seguinte:

E no entanto, impossível lhes era escapar à morte pela fome ou às mãos do inimigo. A datar deste dia não houve, no mato, moita onde se não escondesse algum fugitivo. Abandonaram-nos os nossos índios guaicurus, não conseguindo mais detê-los o receio do fado que os aguardava, se os paraguaios os apanhassem. (TAUNAY, 2005, p. 131)

Este trabalho citou a maioria das vezes em que Visconde de Taunay fez menção aos terenas e aos guaicurus por ocasião da Retirada da Laguna, sendo que suas citações a respeito deles permeiam o respeito, o preconceito e a admiração. O fato é que os povos em questão tomaram parte em cruentas batalhas e ainda o fizeram com louvor. Tendo em vista que foram abandonados à própria sorte por ocasião da invasão paraguaia em 1865, os indígenas dão mostras de sua resiliência e espírito guerreiro.

5. Considerações finais

A Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai chegou à Província do Mato Grosso em 1865, e a partir de então passou a construir

episódios de valentia, de covardia, de omissão e de pragmatismo. A história é construída por homens, com suas virtudes e defeitos, mas sobretudo ela é escrita pelo vencedor, sendo que durante muitos anos a visão positivista utilizada na construção da identidade nacional omitiu importantes atores na construção desta identidade.

Este trabalho teve/tem o objetivo de tirar de uma situação marginal ou coadjuvante os povos terena e guaicurus, que foram atores ativos das batalhas travadas aqui neste rincão nacional. A ideia é relembrar que os guaicurus, atualmente chamados cadivéus, não receberam ou conquistaram suas férteis terras na Serra da Bodoquena sem luta ou sem merecimento, foi o próprio Imperador D. Pedro II que fez a “doação” dessas terras a eles. Os terenas por sua vez, não tiveram o reconhecimento e a demarcação de suas terras de imediato. Por ocasião da invasão paraguaia, os terenas abandonaram suas terras indo procurar refúgio na serra de Maracaju e na serra da Bodoquena, quando enfim os paraguaios foram expulsos do território brasileiro, suas terras já tinham novos “donos”, sendo estes em sua maioria ex-oficiais e comerciantes que enriqueceram com a guerra, ficando a cargo do Marechal Rondon a demarcação de seus territórios, já no século XX, conforme cita Circe Maria Bittencourt e Maria Elisa Ladeira:

Os terenas nunca aceitaram a servidão nas fazendas e chegaram a se rebelar contra os fazendeiros. Mesmo vivendo fora das aldeias, espalhados pelas fazendas, os antigos nunca se esqueceram de que eram terenas, continuando a falar a língua e a sonhar em voltar para suas terras. [...] Foram estes núcleos que os integrantes da comissão das linhas telegráficas, chefiada por Cândido Rondon, encontraram em 1904. Os terenas aproveitaram o trabalho junto a Rondon, quando da instalação das linhas telegráficas, para solicitar-lhe que o governo lhes garantisse a posse de suas terras. [...] Tendo Rondon como intermediário, algumas comunidades, como Cachoeirinha, Bananal/Ipegue, tiveram suas terras demarcadas em 1905 e mais tarde em, 1911, foram reconhecidas pelo SPI. (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000, p. 96)

A despeito de sua importância histórica e cultural na construção do próprio país, a luta dos povos indígenas continua, muitos ainda vivem em situações precárias nas aldeias, sem acesso a saúde e educação de qualidade, tendo que viver apenas da agricultura de subsistência e de trabalhos temporários como por exemplo na colheita de cana do estado e fora do estado. Há que se fazer uma ampla reflexão sobre a atual situação dos indígenas no Mato Grosso do Sul, reflexões de como suas comunidades podem ser melhoradas, como eles podem (se quiserem) ser inseridos com dignidade no mercado de trabalho.

Ao que parece os políticos e demais autoridades, ao longo dos

anos, gostam de manter o índio em situação de dificuldades, sem estudo, na ignorância de seus direitos como cidadão, e então por meio de políticas demagogas “ajudam” os índios para ganhar seus votos nas eleições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo terena*. Brasília: MEC, 2000.

CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: IHGMS, 2011.

LIMA, Luiz Octávio. *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Planeta, 2016.

TAUNAY, Visconde de. *A retirada da Laguna*. São Paulo: Martin Claret, 2005.